

ARTUR DE MAGALHÃES BASTO

---

# SIMÃO VAZ DE CAMÕES NO PORTO

Separata de «A Águia» n.º 59 (3.ª série)

---

EMP. INDUST. GRÁFICA DO PORTO, L.da  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 173

1927



## SIMÃO VAZ DE CAMÕES NO PORTO

O licenciado Francisco Dias que, em 1548, veio para o Pôrto como Corregedor da Comarca e, constituindo família, aqui se demorou até 1583 pelo menos, escreveu uma curiosa «*Memória de coisas que aconteceram nesta cidade depois que vim a ela*». Esse pequeno livro, que ficou manuscrito, é hoje pertença da Biblioteca Municipal do Pôrto, onde tem o n.º 553 de Catálogo, e encerra elementos de veras interessantes para a história da vida tripeira do período quinhentista, alguns dos quais já aproveitamos no trabalho «*Moralidade e costumes portuenses no séc. XVI*».

Quando, pela primeira vez, lemos aquele manuscrito, logo nos chamou a atenção, a fls. 8, uma lista de nomes, subordinada à epígrafe — «*Mulheres de dom que havia no Pôrto quando vim e depois que vim*». Em primeiro lugar são nomeadas as mulheres que usavam *dom* quando o Corregedor chegou ao burgo portucalense: apenas quatro, duas das quais eram a esposa e a irmã de João Rodrigues de Sá, da família do famoso Sá das Galés. Não surpreende tão pequeno número de donas. Deve ser consequência do privilégio que, até meados do séc. XVI, os portuenses ciosamente conservaram e defenderam, e pelo qual a fidalguia não podia fazer parte do seu grémio.

É certo que D. Manuel, nos primeiros anos do seu reinado, tinha retirado essa regalia não só ao Pôrto mas também a outras cidades e vilas que de igual favor gosavam; porém tantas ou tais foram as reclamações dos portuenses — até o bispo protestou! — que em 17 de Março de 1505 era confirmado ao Pôrto o seu antigo privilégio <sup>1</sup>.

Os fidalgos, porém, não desistiram do velho sonho de se introduzirem na mercantil e florescente cidade. Nos Livros das Vereações da Câmara do Pôrto da primeira metade do séc. XVI, encontram-se abundantes vestígios da resistência que o Concelho opôs a tais desejos, mas que afinal foi

<sup>1</sup> *Livro grande*, flh. 5, antes do índice, ms. da Câmara Municipal do Pôrto, cit. por Bruno, *Portuenses Illustres*, 1908, III, pg. 385.



vencida tanto pela persistência e pelos ardís de que o adversário lançou mão, como pela mudança dos tempos e dos costumes.

A lista de Francisco Dias atesta esse resultado. Depois de 1548, o número de donas portuenses subiu rapidamente a mais de quarenta. Quasi todas casadas. O Licenciado indica-lhes os maridos e geralmente não se esqueceu de anotar se tiveram filhos ou filhas. Duma, irmã de D. Rodrigo Pinheiro, o septuagenário bispo que em 1552 começou a governar a Diocese do Pôrto, explica-nos que — *veio velha*; de várias diz — «não deu à luz» — mas sem eufemismos, na mais pura linguagem portuguesa.

Ora o 18.º item da lista é do teor seguinte:

«a molher de Simão Vaz Camões Dona Francisca braua huma filha moreo.»

Esta notícia deve completar-se com outra que vem mais adiante, a fls. 26, sobre Capitães de ordenança no Pôrto. Lê-se nela o seguinte:

«it. martim Vaz

«it. Simão Vaz de Camões»

mais cinco nomes e em seguida:

«*por não seruirem martim Vaz, nem Simão Vaz nem manoe de moura forão elegidos por elles*» . . . .

Quere isto dizer que entre 1548 e 1583 habitaram no Pôrto um fidalgo de nome Simão Vaz Camões, eleito capitão de ordenança, e a mulher D. Francisca Brava, os quais tiveram uma filha que morrerá. A existência no Pôrto de um indivíduo com aquele nome, facto, de resto, já conhecido, é-nos confirmada pelo *Livro das Vereações* de 1571, o qual nos diz que nesse ano Simão Vaz de Camões foi eleito capitão de ordenanças da mesma cidade <sup>1</sup>.

Uma pergunta ocorre inevitavelmente: — quem era esse homónimo do pai do grande épico português?

Segundo Miguel Ribeiro de Vasconcelos, cónego da Sé de Coimbra, doutor na Faculdade de Cânones e sócio correspondente da Academia Real das Sciências de Lisboa, tratar-se hia não de um homónimo mas do próprio pai de Luís de Camões. Com efeito, em 1854 aquele autor publicou no *Instituto* um curioso artigo, intitulado *Apontamentos biographicos sobre o nosso insigne Poeta Luís de Camões* <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Liv. de Ver. de 1571, fls. 31 e 46 numeração antiga, e *Livro da Cont.* (*Corpus Inscript.*) — vol. III, fasc. III, pág. 422 e 423.

<sup>2</sup> Vol. III, pág. 151 — publicado em folheto com o mesmo título e no mesmo ano na Imp. da Univ., Coimbra.

# amo 22 de final Var camoes  
 dona fca branca mo 3 na f a mo 2  
 # don arabel de mador mof 2 am 2 o de fca  
 a lef orada  
 # amo 22 de coronel dona leonina das penoas  
 o mo 2 mo 2  
 # amo 22 de fca leite de a manta p 20 de 2  
 # amo 22 de fca de fca de fca de fca de fca

Fac-simile da passagem do ms. de Francisco Dias, referido no texto



Pelos documentos que o autor transcreveu nesse estudo vê-se que Simão Vaz de Camões era filho de João Vaz (por alcunha João Vaz de Vila Franca) e de sua mulher Catarina Pires. Êste João Vaz casou em segundas núpcias com Branca Tavares e de tal matrimónio nasceu uma filha, Isabel Tavares. Em 1528 já êste segundo casamento se realizara; Ribeiro de Vasconcelos escreve: «Devia Luís de Camões ter neste tempo quatro anos, creando-se em casa do avô (*João Vaz*) que então residia nesta cidade (*Coimbra*) e aqui havia de continuar até que mudando-se a Universidade de Lisboa para Coimbra de 1537 para 1538, nela começaria os seus estudos por esta ocasião pois devia contar já 14 anos». Algum tempo depois Simão Vaz, tendo regressado das guerras de África e da Marinha, «ausentou-se para o Pôrto, ali esteve residente alguns anos, enquanto o filho vagava pela Índia... até que voltando outra vez do Pôrto com ânimo de residir nesta cidade (*Coimbra*) novamente requereu ao cabido, senhorio directo» de certas casas de que ali era foreiro, inovação do contrato enfiteutico, «o que tudo o mesmo cabido lhe concedeu em 22 de setembro de 1570». Como nem nesta nem numa outra escritura que Vasconcelos publica, apareça menção da «mulher de Simão Vaz, que devia ser Ana de Sá e Macedo», o autor conclui que ela devia ter «já falecido nesta última data». E como não se fala também em filho que dela houvesse, presumiu que Simão Vaz estaria desgostoso com Luís de Camões, ou que êste tivesse abandonado por completo tôdas as relações com a família. E, em seguida a estas conjecturas, Ribeiro de Vasconcelos acrescenta os seguintes dados biográficos importantes: Simão Vaz de Camões «depois que voltou do Pôrto em 1570, novamente casou nesta cidade (*Coimbra?*) com uma D. Francisca, cujos apelidos mais se não podem saber pelo apoucado do assento e falta noticiosa que encerra»; essa senhora, enviuvando, vem a contrair o segundo matrimónio com o Dr. Roque Pereira Tavares.

Como se vê, a informação do Ms. de Francisco Dias e o estudo de Ribeiro de Vasconcelos confirmam-se e completam-se até mutuamente. Parece-nos que não poderá haver dúvida de que se trata da mesma pessoa — de Simão Vaz de Camões casado com D. Francisca Brava, pais de uma rapariga que morrera no tempo em que o casal ainda vivia no Pôrto. D. Francisca teria casado mais tarde em segundas núpcias com o Dr. Roque Pereira Tavares. Parece estar tudo muito bem. Simplesmente... o pai do grande Épico não era êste Simão Vaz de Camões.

Bastava o facto da viúva se chamar Francisca para não podermos acreditar em tal. Ribeiro de Vasconcelos certamente desconhecia que em 5 de Fevereiro de 1585 Filipe II de Espanha concedera uma tença de rs. 15\$000

a Ana de Sá, mãe de Luís de Camões e viúva de Simão Vaz de Camões. Se conhecesse esse documento logo veria que o homem que deixou viúva D. Francisca não podia deixar viúva também Ana de Sá...

Está também já hoje assente que Luís de Camões, nascido segundo é opinião mais segura em 1524, ficou cedo órfão de pai.

De 1860 a 1864 o douto camonista Visconde de Juromenha publicou uma série de documentos referentes igualmente a um Simão Vaz de Camões, de Coimbra <sup>1</sup>. Crente de que diziam respeito ao pai do cantor de Natércia, harmonizou como pôde o que da vida deste último referiram Pedro de Mariz, Manuel Corrêa, Faria e Sousa e Severim de Faria e compôs uma biografia do progenitor de Luís de Camões. O pior é que, alguns anos depois, em 1886, Brito Aranha <sup>2</sup> tornou conhecidos novos documentos referentes indiscutivelmente ao mesmo indivíduo e que, completando a série dos publicados por Juromenha, vieram destruir por completo o edifício frágilmente architectado por este escritor, complicando extraordinariamente a questão.

Aires de Campos, no seu benemérito *Índice e Summarios dos Livros e Documentos mais antigos e importantes do Archivó da Câmara Municipal de Coimbra* (Coimbra, 1867), apresentou também, mas em resumo, grande número de documentos que ali encontrou referentes ao mesmo Simão Vaz de Camões e fez notar a impossibilidade deste ser o pai do Poeta. Camilo, num artigo publicado no *Diccionario Universal de Educação e Ensino* de Campagne <sup>3</sup>, intitulado *Camões*, escreveu finalmente que já estava aniquilada a suposição de que o pai do seu biografado fôsse, como pensara Juromenha, o homónimo de Coimbra. E, pouco depois, no n.º 3 das *Noites de Insónia*, caía a fundo sobre Teófilo Braga que laborava no erro de Juromenha, mas que, segundo dizia o mordente polemista, depois da publicação do pequeno artigo do *Diccionario*, fôra corrigir à pressa as páginas da sua *História de Camões*, então no prelo, deixando, contudo, passagens pelas quais se percebia o tardio e mal deitado remendo.

Mas quem era então esse Simão Vaz de Camões de que falam Juromenha, Aires de Campos, etc., e que tanta confusão veio juntar a um problema já de si tão escuro e embrulhado?

Camilo, no artigo atrás mencionado, louvando-se num Ms. de Jorge

<sup>1</sup> *Obras de Luiz de Camões*, etc., Lisboa, Imprensa Nacional, I, 1860, pág. 165 e seg. e V, 1864, pág. 315 e seg.

<sup>2</sup> *Dic. Bibliographico*, Tôm. XIV, Lisboa, 1886, pág. 16 e seg.

<sup>3</sup> *Liv. Internacional*, Porto, Braga, s. d. (1873), vol. 1, pág. 158 e seg.



de Cabedo, falecido em 1602 ou 1604, elucida-nos, dizendo que o tal indivíduo, «residente em Coimbra, parente próximo do poeta... (foi) casado com Francisca Rebelo, filha de Alvaro Rebelo Cardoso, a qual, enviuvando, casara com Domingos Roque Pereira». Pareceria, em face do exposto, ser lícito supor, não curando de pequenas divergências, que se trata do mesmo Simão Vaz de que nos falam Ribeiro de Vasconcelos e Francisco Dias. Mas nada de conclusões apressadas!... É o próprio romancista que nas *Noites de Insónia* nos vem declarar ter sido inexacto naquela notícia por haver «confundido dois nomes confusamente escritos numa árvore genealógica». «Quem casou em Coimbra com Francisca Rebelo, filha de Álvaro Rebelo Cardoso, morgado das Caldas, foi Simão Vasconcellos e não Simão Vaz». «Simão Vaz de Camões, o libertino parente do poeta, casou com uma sua creada e morreu sem descendentes»<sup>1</sup>.

Para Storck êsse homónimo de Coimbra seria talvez afillado do pai do poeta e com certeza filho de um primo em segundo grau chamado Lopo Vaz e coêvo do grande Épico<sup>2</sup>.

A embrulhada aumenta! Teríamos assim um *Simão Vasconcellos* casado com Francisca Rebelo, a qual, enviuvando, voltara a consorciar-se com Domingos Roque Pereira (versão de Camilo), e um *Simão Vaz de Camões* casado com uma D. Francisca, a qual em seguida contraíra segundas núpcias com o Dr. Roque Pereira Tavares (doc. de Ribeiro de Vasconcelos)! Segundo Storck, êste Simão Vaz de Camões seria filho de Lopo Vaz; segundo Ribeiro de Vasconcelos, de João Vaz!

Não será possível desenhencilhar esta meada?! Talvez. A afirmação de Storck baseia-se unicamente nas indicações de Severim; não merece portanto um crédito absoluto. E não seria a errata de Camilo, de resto nem sempre exacto em coisas históricas, uma nova armadilha a Teófilo, que tão de leve afirmava e tirava conclusões?...

Nesta ordem de ideas, cremos poder afirmar como verdade que o Simão Vaz de Camões que pelos documentos de Ribeiro de Vasconcelos se vê ser filho de João Vaz, é o tal parente próximo do poeta que Storck dá como filho de Lopo Vaz, e que foi casado com uma certa D. Francisca, a qual em segundas núpcias se matrimoniou com Roque Pereira (Tavares). Não seria uma coincidência extraordinária haver na mesma época dois indivíduos casados com mulheres de nomes iguais, as quais, enviuvando

<sup>1</sup> *Noites de Insomnia*, n.º 3, Março, 1874, Liv. Internacional, Pôrto-Braga, 1874, pág. 21.

<sup>2</sup> Storck — *Vida e obras de Luis de Camões*, Lisboa, 1897, pág. 160.



ambas, viessem a consorciar-se com homens de nomes Roque Pereira?! Embora o autorizadíssimo parecer de Michaëlis de Vasconcelos fôsse de que houve de facto confusão do nome de Simão Vaz de Camões com o de Simão de Vasconcelos, atrevemo-nos a supor, por tudo quanto fica dito, que a primeira versão de Camilo é que era a mais exacta. Concordamos, sim, com a opinião do Sr. Jordão de Freitas, expandida num relevante estudo sobre *Dom Bento de Camões e o Príncipe dos Poetas Lusitanos*, Lisboa, 1917: «O documento IV publicado por M. R. de Vasconcelos», (e julgamos poder acrescentar a informação de Francisco Dias) não nos deixa «dúvidas de que o Dr. Roque Pereira Tavares casou com D. Francisca, viúva de Simão Vaz de Camões»<sup>1</sup>; êste e o Simão Vaz, de que nos falam Juromenha e outros por nós citados, «são uma mesma individualidade»<sup>2</sup>.

O Sr. Pedro de Azevedo, em sessão de 2.<sup>a</sup> Classe da Academia das Ciências, em 11 de Janeiro de 1917, fez a sensacional revelação de que o prior de Santa Cruz, D. Bento, que tem sido apresentado como tio do autor dos *Lusíadas* e que tão grande parte, Juromenha, Teófilo e até Storck, fizeram ter na educação de Camões, não era quem supunham, nem influência alguma poderia ter exercido, porque (de harmonia com as hipóteses de Juromenha perfilhadas por Teófilo) Luís de Camões não vivia já em Coimbra, quando D. Bento ingressou na Ordem de Santa Cruz. O êrro provinha de Fr. Nicolau de Santa Maria, no tomo 2.<sup>o</sup> da *Crónica dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho*; Pedro de Azevedo descobriu-o ao publicar um Ms. de que é autor D. Gabriel de Santa Maria. Houve em Santa Cruz dois D. Bento. O primeiro foi o Prior, «homem notável em todos os sentidos», falecido em 4 de Janeiro de 1547, o segundo chamava-se D. Bento de Camões e era um modesto cónego, falecido em 25 de Novembro de 1605, «apenas notável por ser irmão de um privado do príncipe pai de D. Sebastião». E querem saber como se chamava êsse irmão? Nada mais, nada menos, do que Simão Vaz de Camões. Será um terceiro indivíduo com o mesmo nome?! Faltam-nos aqui elementos para decidir a questão. O Sr. Jordão de Freitas escreve, e a nosso vêr com plena verosimilhança, que, não devendo certamente tratar-se do pai do poeta, êsse Simão Vaz outro não será realmente senão aquele fidalgo da Casa Real, a cujo respeito aparecem tantos documentos: «cavaleiro cidadão de Coimbra e aí residente em 1552,

<sup>1</sup> Pág. 8, nota 1.

<sup>2</sup> Pág. 9, nota 2.

violador do mosteiro das religiosas de Sant'Ana de Coimbra, preso em Lisboa em 1553 por este facto, perdoado pela rainha em Agosto de 1558, *novamente* casado em 1562, procurador do Colégio de S. Tomás de Coimbra em 1563, novamente eleito para o lugar de almotacé da mesma cidade em 1567, assistente no Pôrto em 1570, acusado de haver mandado espancar o almotacé João Aires em 1576, e filho do primeiro matrimónio de João Vaz de Camões (o de Vila Franca) com Catarina Pires, falecida (ao que dizem) em 1508 <sup>1</sup>.

Interessante seria averiguar o parentesco desta irrequieta personagem com o não menos irrequieto Luís de Camões, cujo bisavô se chamava (como o pai de Simão Vaz) João Vaz de Camões.

Com os dados conhecidos até hoje, cremos que tôdas as afirmações que a tal respeito se fizerem, não terão outro valor que o de meras hipóteses, mais ou menos aproximadas da verdade, mas por enquanto inverificáveis.

Em conclusão: o fidalgo, irmão de D. Bento de Camões, de nome Simão Vaz de Camões, que por 1570 vivia no Pôrto, casado com D. Francisca Brava, e que, em 1571, foi nomeado capitão de ordenanças da mesma cidade, é o mesmo endiabrado personagem que Juromenha (e outros autores na sua peugada) tomaram como pai de Luís de Camões, de quem era certamente parente mas em gráu que se desconhece.

---

<sup>1</sup> J. de Freitas, *Dom Bento de Camões, etc.*, pág. 7 e 8.





